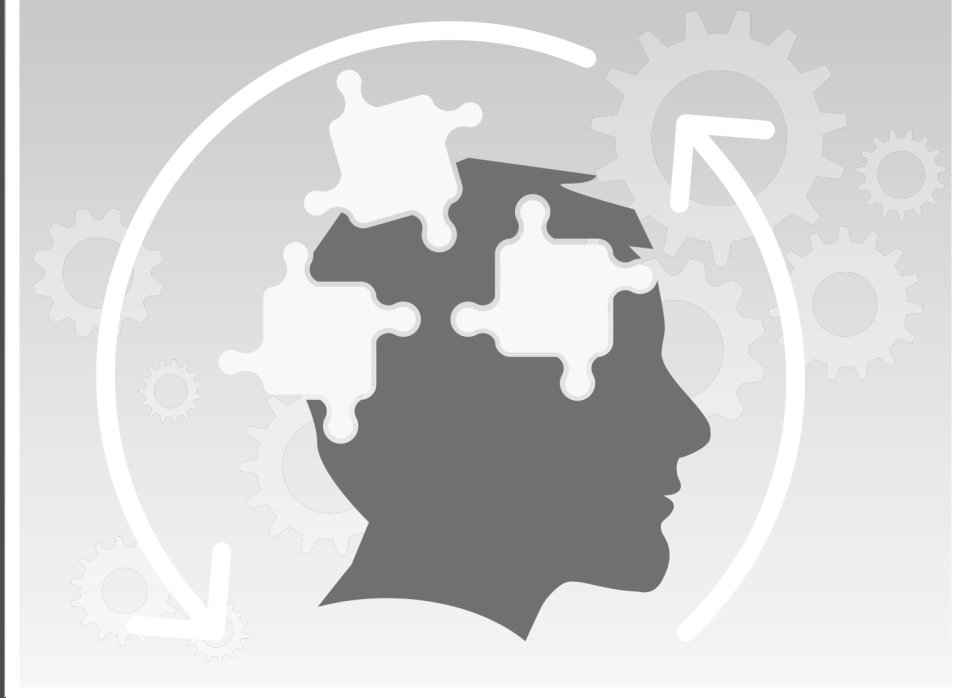


Letras e Linguística: Estrutura e Funcionamento

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2020



Letras e Linguística:
Estrutura e
Funcionamento

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)


Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lillian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Prof^a Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Prof^a Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Prof^a Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Prof^a Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Prof^a Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Letras e linguística: estrutura e funcionamento

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Emely Guarez
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

L649 Letras e linguística [recurso eletrônico] : estrutura e funcionamento / Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-453-5

DOI 10.22533/at.ed.535200210

1. Letras – Pesquisa. 2. Linguística. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de.

CDD 410

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Em **LETRAS E LINGUÍSTICA: ESTRUTURA E FUNCIONALISMO – VOL. I**, coletânea de dezenove capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, se faz presente discussões de temáticas que circundam a grande área das Letras a partir de diálogos com suas subáreas e demais áreas das Humanidades.

Temos, nesse primeiro volume, quatro grandes grupos de reflexões que explicitam essas interações, nelas estão debates que circundam literatura, ensino e memória; outras artes; leitura e leituras do mundo; formação docente e escola.

Literatura, ensino e memória traz análises relevantes a partir de obras de Clarice Lispector, Patativa do Assaré, Cora Coralina, Manoel Barros, Edgar Allan Poe e Margaret Atwood. O ensino também é destacado, principalmente a partir dos processos de leitura e da concepção do letramento literário. É importante frisar também as cartas e os jornais como espaços, como suportes, relevantes para a difusão da literatura, da produção e da memória.

Em outras artes são verificadas tradução intersemiótica e leitura de obras cinematográficas.

Na leitura e leituras do mundo são encontradas questões relativas a leitura como instrumento de mudança de atitudes e imagens como textos que marcam diálogos, discursos.

Formação docente e escola enfatiza abordagens sobre processo reflexivo de ensino de língua materna, condições de trabalho dos professores, e ainda sobre criança e psicopatologia.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ESTRANGEIRISMO LISPECTOR A <i>ESCRITA FRATURADA DE CLARICE</i>	
Ademilson Filocreão Veiga Gilcilene Dias da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.5352002101	
CAPÍTULO 2	12
O PODER DIZER E O DEVER CALAR: O SILENCIAMENTO COMO INTERDIÇÃO DO DISCURSO EM <i>QUERÔ UMA REPORTAGEM MALDITA</i>	
Denise Aparecida de Paulo Ribeiro Leppos	
DOI 10.22533/at.ed.5352002102	
CAPÍTULO 3	23
A REPRESENTAÇÃO DO NORDESTINO E DO SERTÃO NA POESIA DE CORDEL DE PATATIVA DO ASSARÉ	
Marcos Antônio Fernandes dos Santos Asussena Noleto de Santana	
DOI 10.22533/at.ed.5352002103	
CAPÍTULO 4	33
A REPRESENTAÇÃO FEMININA E EXPRESSIVIDADE LÍRICA NAS PERSONAGENS DE CORA CORALINA	
Marta Bonach Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.5352002104	
CAPÍTULO 5	42
CENOGRAFIA E <i>ETHOS</i> DISCURSIVO NA NARRATIVA LITERÁRIA: UMA ANÁLISE DO CONTO <i>O BARRIL DE AMONTILLADO</i> , DE EDGAR ALLAN POE	
Rita de Cássia Dias Verdi Fumagalli Ernani Cesar de Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.5352002105	
CAPÍTULO 6	61
A REESCRITA DA AMBIGUIDADE NARRATIVA: ESTUDO DE CASO DA TRADUÇÃO DE VULGO GRACE DE MARGARET ATWOOD	
Eliatan da Silva Pereira Juliana Cristina Salvadori	
DOI 10.22533/at.ed.5352002106	
CAPÍTULO 7	78
A POÉTICA DE MANOEL DE BARROS E OS DEVIRES DA LITERATURA: PERCURSOS CARTOGRÁFICOS NA ESCOLA BÁSICA	
Jônatas de Jesus Tavares Farias Gilcilene Dias da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.5352002107	

CAPÍTULO 8	90
LETRAMENTO LITERÁRIO E O ENSINO DIALÓGICO ATRAVÉS DE SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS	
Fádia Cristina Monteiro de Oliveira Silva Judivalda da Silva Brasil	
DOI 10.22533/at.ed.5352002108	
CAPÍTULO 9	104
LITERATURA E ENSINO: AS MÚLTIPLAS FACES DA LEITURA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE LEITORES NO ENSINO MÉDIO	
Jesuino Arvelino Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.5352002109	
CAPÍTULO 10	116
MÁRIO MATOS: O MISSIVISTA MINEIRO SOB UMA OUTRA NOVA PERSPECTIVA	
Barbara Barros Gonçalves Pereira Nolasco	
DOI 10.22533/at.ed.53520021010	
CAPÍTULO 11	125
ESTAMOS TODOS SOB CENSURA: LAÍS CORRÊA DE ARAÚJO ESCREVE A COSETTE DE ALENCAR	
Wagner Lopes da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.53520021011	
CAPÍTULO 12	137
O JORNAL INSTITUCIONAL COMO INSTRUMENTO DE MEMÓRIA	
Edna Carvalho da Cunha Magnólia Rejane Andrade dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.53520021012	
CAPÍTULO 13	147
TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DE DUAS AUDIODESCRIÇÕES DO CURTA-METRAGEM “VIDA MARIA”	
Isabeli Bovério dos Santos Leila Maria Gumushian Felipini	
DOI 10.22533/at.ed.53520021013	
CAPÍTULO 14	160
AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E IDENTITÁRIAS DO PROFESSOR NAS OBRAS CINEMATOGRÁFICAS CLUBE DO IMPERADOR E O TRIUNFO	
Jaciara Stresser dos Santos Cláudia Maris Tullio	
DOI 10.22533/at.ed.53520021014	
CAPÍTULO 15	172
MUDANDO DE ATITUDE POR MEIO DA LEITURA	
Denise Rezende Mendes	

Diana Ramos de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.53520021015

CAPÍTULO 16..... 183

LENDO IMAGENS: INTERAÇÃO, DISCURSO & SABERES

Ana Virginia Gomes de Souza Pinto

Terezinha de Jesus Costa

DOI 10.22533/at.ed.53520021016

CAPÍTULO 17..... 194

**CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROCESSO REFLEXIVO NO ENSINO DA LÍNGUA
MATERNA E A FORMAÇÃO DOCENTE**

Ieda Márcia Donati Linck

Andréia Mainardi Contri

Viviane Teresinha Biacchi Brust

Fabiane da Silva Verissimo

DOI 10.22533/at.ed.53520021017

CAPÍTULO 18..... 206

**CONDIÇÕES DE TRABALHO DE SUJEITOS-PROFESSORES EM DIFERENTES
ESCOLAS: ANÁLISE DISCURSIVA**

Jéssica Vidal Damaceno

Filomena Elaine Paiva Assolini

DOI 10.22533/at.ed.53520021018

CAPÍTULO 19..... 217

A CRIANÇA PROBLEMA: DISCURSOS DISCIPLINARES E PSICOPATOLOGIA

Conrado Neves Sathler

DOI 10.22533/at.ed.53520021019

SOBRE O ORGANIZADOR..... 225

ÍNDICE REMISSIVO..... 226

CAPÍTULO 2

O PODER DIZER E O DEVER CALAR: O SILENCIAMENTO COMO INTERDIÇÃO DO DISCURSO EM *QUERÔ UMA REPORTAGEM MALDITA*

Data de aceite: 01/10/2020

Data de submissão: 07/07/2020

Denise Aparecida de Paulo Ribeiro Leppos

UFSCar e Rede Municipal de Educação de São Carlos
São Carlos/SP

<http://lattes.cnpq.br/4621333559718511>

RESUMO: Neste trabalho, propomos analisar, fundamentados na Análise do Discurso (AD), os enunciados silenciados em *Querô uma reportagem maldita* escrita por Plínio Marcos em 1976, observando não apenas a ótica da interdição da obra, mas a presença do silenciamento nas relações vivenciadas pelas personagens, posto que o silêncio pode ser entendido como uma circunstância que resulta a significação. Com a censura, forma institucionalizada do silêncio, a peça teve que ser reescrita em forma de romance, mais precisamente, *numa reportagem maldita*. A novela retratava a história de um moleque marginalizado que nasceu de uma prostituta que se matou bebendo querosene. O menino ficou sob os cuidados da cafetina Violeta. Seu verdadeiro nome é Jerônimo da Piedade, mas todos o chamavam de Querosene por causa do acontecido com sua mãe; mais tarde tornou-se apenas Querô. Contudo, neste texto, adotaremos apenas o silenciamento como uma política de sentido, que produz um recorte entre o que se diz e o que não diz, a partir da concepção de silêncio local, proposto por Orlandi (2007), uma vez que,

o silêncio pode ser entendido como o jogo das contradições produzidas pelos diversos sentidos e de identificação do sujeito. Dessa maneira, o discurso encontra-se instaurado no interior de uma formação discursiva (FD) que por sua vez é regulado por uma formação ideológica (FI), as quais determinam *aquilo que pode e deve ser dito*. Desse modo, os processos discursivos não têm origem no sujeito, mas nele se realizam. Assim, as formas do silêncio trabalham nos limites das FDs, isto é, a “formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX *apud* ORLANDI, 2009, p. 43).

PALAVRAS-CHAVE: Constituição do sujeito, formação discursiva, silêncio.

EL PODER DECIR E EL DEBER CALAR: EL SILENCIAMIENTO COMO INTERDICCIÓN DEL DISCURSO EN *QUERÔ UN MALDITO REPORTAJE*

RESUMEN: En este trabajo, proponemos analizar, basados en el Análisis del Discurso (AD), los enunciados silenciados en *Querô un maldito reportaje* escrita por Plínio Marcos en 1976, observando no solo la interdicción de la obra, pero también la presencia del silenciamento en las relaciones vividas por las personajes, dado que el silencio puede ser comprendido como una circunstancia que resulta la significación. Sin embargo, con la censura (forma institucionalizada del silencio), la pieza tuvo que ser reescrita en forma de novela, o sea, en un “maldito reportaje”.

La novela cuenta la historia de un chico marginado que nació de una prostituta que se suicidó bebiendo querosene. El niño quedó a los cuidados de la señora Violeta que exploró su madre. Su nombre es Jerônimo da Piedade, pero era llamado de Querosene debido al incidente con su madre; más tarde se convirtió únicamente Querô. Todavía, en esta pesquisa adoptaremos sólo el silenciamiento como una política del sentido, que produce un corte entre lo que se dice y lo que no se enuncia, según el concepto de silencio local, una vez que iremos tratar de la censura de la obra de Plínio Marcos que en un primer momento fue escrita en forma de teatro. Por lo tanto, el discurso se establece dentro de una formación discursiva (FD) que, a su vez, está regulado por una formación ideológica (FI), las cuales determinan “aquello que se puede y se debe decir”. Así, las formas del silencio trabajan dentro de los límites de las formaciones discursivas, es decir, la “formación discursiva se define como aquello en una formación ideológica dada, desde una posición dada en un contexto socio-histórico dado determina lo que puede y debe decir” (PÊCHEUX *á* *apud* Orlandi, 2009, p. 43).

PALABRAS CLAVE: Constitución del sujeto, formación discursiva, silencio.

1 | INTRODUÇÃO

A referida obra, num primeiro momento, foi escrita em forma de teatro, todavia, com a censura, ela foi reescrita e transformada em romance, mais exatamente, em uma *reportagem maldita*. E só após longos anos pode ser encenada. Em *Querô uma reportagem maldita*, podemos observar certos aspectos das relações humanas, tais como a ambição, a cobiça, a inveja, a intriga, a desonestidade, o abandono e a humilhação, desmistificando a visão utópica de sociedade igualitária. Esse tipo de crítica pode provocar no leitor/espectador a consciência da sua própria realidade, suscitando uma reflexão sobre os problemas abordados no texto.

Querô uma reportagem maldita retrata a história de um moleque marginalizado que nasceu de uma prostituta que se matou bebendo querosene. Ficou sob os cuidados da cafetina Violeta que explorou a sua mãe até o último dia de vida. Seu nome é Jerônimo da Piedade, mas só era chamado de Querosene por causa do ocorrido com sua mãe, mais tarde se tornou apenas Querô. Ele não tinha ninguém e nem nunca teve, afinal sua mãe se matou quando ele ainda era bebê.

Querô, por um tempo, viveu em um reformatório, um lugar perverso e violento. Ao sair, cheirou cola, fumou, usou vários tipos de drogas, envolveu-se com pequenos e grandes bandidos, dentro e fora da lei. Abandonado, passou grande parte do tempo se esgueirando pelas ruas, de canto em canto até encontrar duas pessoas em quem realmente pudesse confiar, conheceu nega Gina e Pai Bilu. Contou toda sua trajetória e suas experiências a um jornalista que demonstrou interesse em seus relatos, transformando-os em uma reportagem. Jerônimo da Piedade, vulgo Querô, morreu muito jovem com balas disparadas por aqueles que representavam a lei. Para a polícia, ele era apenas um bandido a menos para cometer crimes e subverter a ordem da sociedade.

O autor que tanto incomodava a ditadura e a Censura Federal com suas peças de cunho social-realista, de enredos objetivos, descrevia personagens que mostravam no comportamento e no discurso projeções de realidades sociais marginalizadas às quais pertenciam.

A partir disso, propomos uma análise calcada nas bases da Análise do Discurso de linha francesa. O conceito formação discursiva (doravante FD) surge no interior do método arqueológico concebido por Michel Foucault no final dos anos de 1960. Embora, mesmo nesse período também tenha emergido na França a Análise do discurso, derivada dos trabalhos de Michel Pêcheux e seu grupo, esta última emprestará a expressão *formação discursiva* nos primeiros anos da década seguinte, inserindo-a em um paradigma marxista e dando-lhe, por essa razão, um sentido bastante distinto daquele proposto por Foucault.

As formações discursivas mantêm entre si relações de antagonismos, de aliança ou de dominação, expressando a relação entre as classes, pelo modo de produção que as constituem, sendo dados aparelhos, por meio do qual se realizam certas práticas. Dessa maneira, fazendo uma retomada aos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE) propostos por Althusser, é possível afirmar que a contribuição da instância ideológica na reprodução das relações sociais está materialmente assegurada. As formações ideológicas (doravante FI) comportam FDs, que por sua vez, determinam o que pode e deve ser dito, constituindo um conjunto de relações caracterizando uma formação social em um dado momento, ao qual se relaciona outras.

Avançaremos, apoiando-nos sobre grande número de observações contidas naquilo que denominamos “os clássicos do marxismo”, que as formações ideológicas assim definidas comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas interligadas, que determinam o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura dada: o ponto essencial aqui é que não se trata apenas da natureza das palavras empregadas, mas também (e sobretudo) de construções nas quais essas palavras se combinam, na medida em que elas determinam a significação que tomam essas palavras: como apontávamos no começo, as palavras mudam de sentido segundo as posições ocupadas por aqueles que as empregam. Podemos agora deixar claro: as palavras “mudam de sentido” ao passar de uma formação discursiva a outra (HAROCHE, PÊCHEUX, HENRY, 2007, p.26).

As formas do silêncio trabalham com os limites das formações discursivas, determinando, assim, os parâmetros do que se pode dizer, visto que, é preciso não dizer para poder dizer. A partir do conceito de FD, o silêncio irá trabalhar com o jogo das contradições produzidas pelos diversos sentidos e da identificação do sujeito.

A relação dito/não dito pode ser contextualizada sócio-historicamente, em particular em relação ao que chamamos o “poder-dizer”. Pensando essa contextualização em relação ao silêncio fundador, podemos compreender a historicidade discursiva da construção do poder-dizer, atestado pelo discurso (ORLANDI, 2007, p.73).

Para Orlandi (2007, p.68), “o silêncio não é vazio, ou sem sentido; ao contrário, ele é o indício de uma instância significativa. Isso nos leva à compreensão do ‘vazio’ da linguagem como um horizonte e não como uma falta”. O silêncio é, desse modo, a própria condição de produção de sentido, ou seja, ele aparece como o lugar/espço que permite à linguagem significar.

Há três formas de silêncio definidas por Orlandi: o *silêncio fundador*, ou fundante, tido como o princípio de toda significação; o *silêncio constitutivo*, que diz respeito à ordem da produção de sentido e da linguagem e o *silêncio local*, referindo-se à interdição do dizer, por exemplo, a censura e a repressão. Porém, neste texto, tratar-nos-emos apenas o silenciamento como uma política de sentido, que produz um recorte entre o que se diz e o que não diz, a partir da concepção de silêncio local.

Como já dissemos, a censura é uma forma de silêncio que é instaurada a partir do interdito, daquilo que é proibido. Ela (a censura) deve ser considerada em sua materialidade linguística, histórica e discursiva, pois não pode ser reduzida

à consciência daquele que fala, mas um fato discursivo que se produz nos limites das diferentes formações discursivas que estão em relação. [...] A censura estabelece um jogo de relações de força pelo qual ela configura, de forma localizada, o que, do dizível, não deve (não pode) ser dito quando o sujeito fala (ORLANDI, 2007, p.76-77).

A relação entre o que não se deve dizer para poder dizer está presente em *Querô*, obra em que Plínio Marcos descreve personagens que foram silenciadas por um sistema político opressor, militarista e autoritário.

A censura, como toda forma de coerção, não encontra limites: a censura tal como foi praticada nas ditaduras brasileiras de Vargas e do Regime Militar foi se desenvolvendo, passando do controle do texto à fiscalização e à perseguição dos artistas. Arbitrária, injusta, a censura acaba por possibilitar desmandos. Ela passou da análise do texto à interpretação da enunciação; da interpretação do espetáculo à prática da denúncia; da denúncia à perseguição; da perseguição à prática da violência; da violência à coerção e ao sigilo, desses à pressão econômica, chegando a hipocrisia e ao cinismo (COSTA, 2006, p. 266).

Desse modo, teatro e autores considerados marginais por utilizarem uma linguagem marcadamente coloquial, tida como vulgar, foram ganhando força por possuírem um apelo popular de encenação e da linguagem corporal. Vale ressaltar que suas obras sofreram com o cerceamento discursivo imposto pela Censura, que fazia cortes a toda e qualquer tipo de mostra daqueles que eram considerados maus costumes que a moralidade da época condenava.

Nesse sentido, o presente artigo trará, primeiramente, um relato da obra e algumas considerações introdutórias do aporte teórico utilizado. Em seguida, analisaremos discursivamente os enunciados silenciados pela censura na obra *Querô uma reportagem*

maldita. Prontamente, continuaremos as análises sob o viés de censura da obra e do autor e, por fim, as considerações finais.

2 | A CENSURA EM CENA: O SILENCIAMENTO DE *QUERÔ*

Em *Querô uma reportagem maldita*, podemos observar a presença do silenciamento relacionados a certos temas, dentre os quais se destacam: o crime, a droga, a violência, a exploração do homem, o sexo entre outros. Tais conteúdos estão presentes na referida obra, como podemos observar no trecho abaixo:

Jerônimo, e o sobrenome da minha mãe, Piedade. Jerônimo da Piedade, filho da puta com pai desconhecido, afilhado de uma cafetina que ficou sendo madrinha e dona. Está certo que ela me deu comida, me botou na escola e os cambaus. Porém (e sempre tem um porém), me deu pancada e curtiu suas broncas em cima de mim. Era só a velha ficar azeda pra atirar na minha cara:

__ Filho da puta! Querosene mal agradecido!

__ A vaca me botou o nome de Jerônimo, mas só me chamava de Querosene.

__ Querosene, tu é folgado. Pensa que é alguma coisa, seu filho de corno com puta rampeira?

__ Porra, eu nunca pensei nada... Mas ela ia em frente (MARCOS, 1976, p.11).

Logo no início da peça, deparamo-nos com a descrição da personagem principal. Um garoto sem mãe e pai, sem outra opção de caminho a seguir senão o da criminalidade. A delinquência foi o meio encontrado para destruir aquele mundo que o (de)formou. O seu ambiente familiar não era tão amistoso quanto devia, no trecho acima, vemos a forma opressiva e violenta com que foi criado.

Jerônimo da Piedade, vulgo *Querô*, foi adotado por uma cafetina que queria se redimir pela morte de uma de suas prostitutas. Ela o oprimia de maneira muito agressiva, fato que evidenciado, por exemplo, quando Querô diz que sua madrinha é a sua dona, outorgando a ela todo poder sobre ele, como se ele fosse uma propriedade.

Em *A vaca me botou o nome de Jerônimo, mas só me chamava de Querosene*, a personagem oprimida dirige-se apenas ao outro leitor e não o faz direcionado ao seu opressor, mesmo referindo-se a ele como *vaca*, explicitando certa revolta ao dizer *Porra, eu nunca pensei nada...*

Ao final da oração, vemos a presença das reticências que representa o silenciamento de Jerônimo exercido pela sua madrinha, ele é calado antes mesmo de pensar em alguma coisa, ou seja, de expressar sua opinião. As reticências não são a ausência do dizer, mas sim o próprio dizer uma vez que a personagem compreende que se se utilizar do verbo

explicitamente sofrerá consequências. Implicitamente, a personagem sabe que o não dizer é dizer e, por isso, é impedido de produzir novos discursos.

O silêncio não é a ausência de palavras. Impor o silêncio não é calar o interlocutor, mas impedi-lo de sustentar outro discurso. Em condições dadas, fala-se para não dizer (ou não permitir que se digam) coisas que podem causar rupturas significativas na relação de sentido. As palavras vêm carregadas de silêncios (ORLANDI, 2007, p.102).

A linguagem reproduzida por Querô e silenciada pela cafetina Violeta exprime violência, cruzeza e obscenidade, justamente para poder expor suas ideias, até mesmo seus sentimentos. Esses lapsos de revolta são apresentados ao leitor como uma forma de desabafo e, de alguma forma, uma libertação. O silenciamento ocorre por parte da madrinha em relação a Jerônimo; ela o impede de falar para que não produza a desordem dentro do seu *puteiro*. Em,

[...] E tome pau. Eu só fazia apanhar. Era um otário. Pixote de merda. E a Violeta se esporrava. Gozava até os pêlos do cu baterem palma. Mas não perdia o embalo. Me azucrinava. Enchia a boca sebosa de batom pra me xingar: - Querosene, filho da puta! Querosene! Querosene! Querosene! Querosene! [...] Eu me apavorava. Mas não podia chorar. Se chorasse, a velha batusquela abria a porta e me ameaçava: - Cala essa boca, se não te entrego pro Juiz de Menores (MARCOS, 1976, p.12-13).

Os verbos *ameaçar* e *calar* no imperativo exprimem a ideia de ordem – obrigação, a madrinha realmente mandava em Jerônimo e o silenciava ameaçando-o em entregá-lo para o *Juiz de Menores*, caso ele não fizesse aquilo que ela julgasse conveniente.

A violência física, em *E tome pau. Eu só fazia apanhar*, é acompanhada pela violência simbólica feita pelos xingamentos, ameaças e ofensas do opressor e pelo silenciamento imposto ao oprimido. Nos enunciados *Era um otário* e *Pixote de merda*, o discurso indireto livre tanto pode ser a fala do oprimido quanto uma reiteração do discurso do opressor.

O silenciamento *apavorava* Querô e o impedia até mesmo de chorar. Porém, mais uma vez Querô se utiliza de uma linguagem coloquial, extremamente vulgar (“E a Violeta se esporrava. Gozava até os pêlos do cu baterem palma. Mas não perdia o embalo. Me azucrinava”) para atacar seu opressor, não se dirigindo a ele, mas ao seu leitor, como um relato, com o objetivo de denunciar a situação, ao qual se encontrava e em certa medida tentando resistir.

A figura do juiz é um reforço da autoridade opressora, justamente aquele em que Querô talvez pudesse buscar autonomia, segurança e direitos, assume o papel de censor, daquele que detém certo poder para controlar os atos dos menores infratores, ou seja, controla as condições de produção do discurso determinando o que posso ou não dizer.

O rompimento parcial do silêncio ocorre quando Querô, em um momento de fúria, tenta matar sua madrinha com um pedaço de pau. Notamos que o silenciamento produziu uma revolta física e verbal, momento em que ele (a personagem) acredita ter se libertado de um sistema opressor.

[...] A velha grela, zonha de raiva, pegou um pau e veio curtir seu azar no meu lombo. Se entortou. Arranquei o pau da mão dela e sem vacilar mandei uma tremenda porretada na testa da vaca. Abri uma buceta na cara da Violeta. Foi sangue pra todo lado. Ela só não morreu, porque coisa ruim não morre. Mas eu dei pra valer. Nem sei como a desgraçada conseguiu berrar com toda força da sua caixa de catarro:

- Socorro! Socorro! Meu filho quis me matar! Meu próprio filho! Meu próprio filho! Antes de me arrancar dali pra sempre, ainda dei um recado pra putana sebosa:

- Teu filho, o caralho! E não é dessa vez que tu vai pro inferno. Tu há de morrer morfética ou com câncer no cu. Mas tem que pensar muito antes de se apagar, cadela perebenta! (MARCOS, 1976, p.13).

A censura, durante muito tempo, assombrou a vida daqueles que produziam discursos diferentes do que era permitido, que fugia do *politicamente correto e moral*. Jerônimo sofreu quando foi entregue ao *Juiz de Menores*, fora torturado, calado, oprimido, ofendido, silenciado a tal ponto, que apenas pensar em pensar o fazia mal. Pensar é algo ruim, maldito e que lhe causaria muitos transtornos, afirmava Querô: “E ainda tendo que pensar. Pensar é doloroso. Pensar me dá gosto de sangue na boca” (MARCOS, 1976, p.25-26).

À voz de Querô é incorporada à voz do outro, ao jornalista, que, por sua vez, tenta mostrar por meio da morte, a angústia, a miséria e a desigualdade social. Querô é silenciado pela brutalidade da força policial, as armas o deixam apático. Nesse momento, o jornalista não apenas conversa com ele, mas fala por ele, pois a partir desse momento o olhar da personagem se torna coletivo e passa a representar o outro na sociedade.

Deixei o Querô dormir. Cobri seu corpo com trapos. Rezei por ele e seus fantasmas. E era tudo o que eu podia fazer por aquele menino. Fui embora com o meu gravador, com uma história brutal de um dia-a-dia patético, feroz, com meus próprios fantasmas e com meu coração pesado. Andei no mato, descí de uma pirambeira, atravessei um riacho e saí na estrada. Das viaturas, desceram homens nervosos e armados com metralhadoras e revólveres. Um deles arrancou brutalmente, de um dos carros, o Pai Bilu e a nega Gina (MARCOS, 1976, p. 97).

Querô narra a sua história a um jornalista para se redimir dos atos que cometera, pois nutria um sentimento de vingança em relação ao mundo por todo sofrimento que passara, mas ao terminar seu relato é morto à balas pela polícia.

[...] O chefe dos homens berrou: - É aqui, seu vagabundo? O tempo passou. Minutos ou horas, tanto faz isso diante da eternidade. Até que estouraram os tiros. Muitos tiros. Muitos mesmo. Depois, outra vez silêncio. E o grito de vitória dos homens e o soluço abafado da nega Gina. Acabara a caçada ao perigoso bandido Jerônimo da Piedade, vulgo Querô ou Querosene. Os homens voltaram do mato e, muito alegres, entraram em seus carros e partiram com as sirenes ligadas. (MARCOS, 1976, p.97)

O silenciamento agora é para sempre, pois Querô é morto. A brutalidade silenciou também outras personagens como Pai Bilu e nega Gina. O *grito de vitória dos homens*, ou seja, da polícia, silenciou até o *solução abafado da nega Gina*, pois os homens conseguiram acabar com o perigoso bandido Jerônimo da Piedade.

3 | A CENSURA DA OBRA: O ÔNUS E O BÔNUS DO PORTA-VOZ DO POVO

Plínio Marcos transcende o teatro da época por apresentar um enredo diferente do convencional, colocando em cena o vulgo, os *outsiders* sociais, motivo pelo qual assume uma linguagem marcadamente coloquial. Ao focar a marginalidade, cria uma crítica aguda às estruturas sociais da década de 1960 e 1970, momento em que o militarismo estava no auge, mas que, pela maneira como desenvolve a ação dramática e pelo tratamento dado ao tema continua atual até hoje.

De acordo, com Hollanda e Gonçalves (1995, p.61), o teatro rompe os tradicionalismos da linguagem universal ao mobilizar o público por meio da instigação agressiva, como ocorre em *Querô*.

Querô uma reportagem maldita é direta, objetiva, repleta de metáforas de fácil assimilação, uso excessivo de gírias e léxico considerado vulgar. Essa linguagem, própria do mundo marginalizado, torna a leitura fluida, caracterizando um texto de enredo simples e, ao mesmo tempo, intrigante e agressivo.

Plínio Marcos retratava a vida das pessoas que viviam no submundo de São Paulo, motivo pelo qual ficou conhecido como um escritor que lutava pelos desfavorecidos, proletariados, explorados, etc. Em suas obras, observa-se a presença do retrato da exclusão social e a repressão, a censura e o silenciamento sofridos pelas personagens, que ora são oprimidas, ora assumem o papel de opressoras.

Ele (Plínio Marcos) se impôs com uma literatura acessível e despretensiosa, porém com um conteúdo de interação social caracterizado por sua pluralidade e manifestação ideológica que retrata a realidade sem hipocrisias e falseamentos. Segundo ele mesmo, era uma *figurinha difícil*, título de uma de suas peças, assumiu vários papéis na vida, dentre eles: palhaço, tarólogo, jogador de futebol, vendedor de seus próprios livros, jornalista, ator e dramaturgo.

Porém, o papel que mais lhe rendeu *status* foi a de porta-voz do povo ao mostrar a realidade por meio de suas personagens, que representavam como tal a vida daqueles *sem eira nem beira*. Representava a voz dos excluídos, daqueles que eram consideradas o cisco, a sujeira da sociedade.

Cabe salientar que a condição de porta-voz vai além da mera e simples “reprodução da fala do povo, mas um simulacro, pelo fato mesmo de que a existência do porta-voz atesta a impossibilidade de que o povo fale, pois se assim acontecesse, a função de falar em seu nome estaria elidida” (Piovezani, 2003, p. 59).

O dramaturgo assume a posição enunciativa de porta-voz dos desfavorecidos, favelados, homossexuais, negros etc. usufruindo do benefício do locutor, seria o seu bônus o reconhecimento de suas obras por essas minorias, porém o autor sofreu com a censura de seus trabalhos, ficando conhecido como um escritor marginal.

O *benefício do locutor*, concebido por Foucault ao refletir acerca daquilo que denominou *hipótese repressiva*, incide, na verdade, sobre o privilégio gozado por aquele que, diante da suposta repressão em torno do sexo e do poder, deliberadamente desconsidera-a ou rechaça-a. Empreendeu-se, aqui, um deslocamento da noção foucaultiana do âmbito sexual, ao qual ela se referia, para o midiático-político (PIOVEZANI, 2003, p. 60).

Plínio Marcos, ao ter suas peças silenciadas, ônus adquirido por querer representar a voz do povo, rebela-se contra a Censura Federal e em uma reportagem diz ser um *dramaturgo aposentado*, referindo-se aos cortes e as proibições de suas obras.

De repente, todas as minhas peças foram proibidas. Por quê? Ninguém dizia coisa com coisa. Um filho-da-puta de um censor, num dia em que eu perguntei por que todas as minhas peças estavam proibidas, ficou nervoso:

__ Porque suas peças são pornográficas e subversivas.

__ Mas por que são pornográficas e subversivas?

__ São pornográficas porque têm palavrão. E são subversivas porque você sabe que não pode escrever com palavrão e escreve. O palavrão. Eu, por essa luz que me ilumina, não fazia nenhuma pesquisa de linguagem. Escrevia como se falava entre os carregadores do mercado. Como se falava nas cadeias. Como se falava nos puteiros. Se o pessoal das faculdades de linguística começou a usar minhas peças nas suas aulas de pesquisas, que bom! Isso era uma contribuição para o melhor entendimento entre as classes sociais. Eu, há dezessete anos [1973], sou um dramaturgo. *Há dezessete anos pago o preço de nunca escrever para agradar os poderosos*. Há dezessete anos tenho minha peça de estréia [*Barrela*] proibida. *E pago qualquer preço pela pátria do meu povo* (depoimento de Plínio Marcos em seu site oficial) (grifos nossos).

A função dos censores, na visão das autoridades, não era ser um meio violento para restringir a liberdade, mas o meio que fosse capaz de prevenir que qualquer estabelecimento provocasse uma desordem pública e social. Costa (2006), em um tom irônico, define censura com a voz da própria censura.

A censura não é um meio violento restritivo da liberdade. É, exclusivamente, um remédio profilático, preventivo, de que lança mão a autoridade pública, no legítimo exercício de sua fé, [parece que está faltando alguma palavra nesta citação] a imprensa honesta possa prejudicar as medidas de maior relevância para o estabelecimento da ordem ou para refortalecimento das instituições feridas. É, assim, legítima a Censura; e sua prática constitui dever precípua e máximo das autoridades constituídas (COSTA, 2006, p. 101).

Dessa maneira, podemos concluir que há a presença da censura tanto na obra quanto da obra. Assim, a relação entre obra e realidade não é somente a de um reflexo direto, mas sim social, capaz de influenciar o exercício da obra de arte (CANDIDO, 1967, p. 22).

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo proposto neste texto foi o de analisar como ocorria o processo de silenciamento das formações discursivas presentes em *Querô uma reportagem maldita*, de Plínio Marcos, e observar como as formações discursivas são capazes de determinar aquilo que pode e o que deve ser dito.

O trabalho está pautado nas teorias de Foucault e Pêcheux para tratar das FDs e Orlandi para falar sobre as formas do silêncio, posto que as formas de silenciar estão no limite das formações discursivas, motivo pelo qual se pode determinar os parâmetros do que pode e deve ser dito. As formações discursivas, como dissemos anteriormente, por manterem certas relações contraditórias, ora de aliança ora de dominação, exprimem a relação entre as classes pelo modo de produção que as constituem, sendo dados aparelhos, por meio dos quais se realizam certas práticas.

Outrossim, pudemos observar como a censura enquanto aparelho institucionalizado de aparelhamento discursivo silencia não apenas a obra *Querô uma reportagem*, mas também as relações entre as personagens e a do próprio dramaturgo. De certa maneira, Plínio Marcos promovia uma inversão da ordem institucional, cujo propósito era o de suscitar desordens em benefício dos oprimidos e maltratados.

Assim, fica evidente que nem tudo deve ser dito e a língua serviria para comedir e banir os escritores em suas produções discursivas. Os críticos e os censores teriam, dessa maneira, o papel de *higienizadores* do discurso, uma vez que promoviam a limpeza das obras de qualquer *impureza*, isto é, de vulgaridade, de pornografia e de subversão. Em suma, “se a língua é bela, é porque um mestre a lava. Um mestre que lava os lugares de merda, retira as imundices, saneia cidade e língua para conferir-lhes ordem e beleza” (GADET, PÊCHEUX, 2004, p. 90).

REFERÊNCIAS

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Companhia editora nacional, 1967.

COSTA, C. **Censura em cena: teatro e censura no Brasil**. São Paulo: EDUSP; FAPESP: Imprensa oficial do Estado de São Paulo, 2006.

COURTINE, J.J. O conceito de formação discursiva. In: **Análise do discurso político**. O discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: Edufscar, 2009.

GADET, F.; PÊCHEUX, M. **A língua inatingível**: o discurso na história da linguística. Tradução: Bethania Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Mello. Campinas: Pontes, 2004.

HAROCHE, C., PÊCHEUX, M., HENRY, P. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. *In*: BARONAS, R. **Análise do discurso**: apontamentos para uma história da noção – conceito de formação discursiva. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007.

HOLLANDA, H.B.; GONÇALVES, M.A. **Cultura e participação nos anos 60**. 10.ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

MARCOS, P. **Querô, uma reportagem maldita**. São Paulo: Maltese, 1992.

MARCOS, P. **Site oficial Plínio Marcos**. Serviço de referência. Apresenta depoimentos e obra completa. Disponível em: <http://www.pliniomarcos.com>. Acesso em: 15 de junho de 2010.

ORLANDI, E.P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas: UNICAMP. 6.ed., 2007.

PIOVEZANI, C. Política midiaticizada e mídia politizada: fronteiras mitigadas na pós- modernidade. *In*: GREGOLIN, M.R.V. (Org.). **Discurso e mídia**: a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003.

ÍNDICE REMISSIVO

C

Cartas 72, 117, 125, 126, 128, 131, 132, 133, 134, 135, 136

Cenografia 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60

Clarice Lispector 1, 3, 5, 6, 8, 11

Cora Coralina 33, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 41

Criança 78, 79, 83, 86, 105, 109, 120, 152, 167, 183, 184, 185, 186, 189, 190, 193, 200, 217, 221

E

Edgar Allan Poe 42, 43, 49, 50

Ensino 5, 78, 79, 82, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 99, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 124, 125, 167, 169, 170, 171, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 207, 211, 214, 215, 216, 225

Estrutura 2, 39, 93, 143, 176, 184, 196, 199, 200, 201

Ethos 42, 43, 44, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60

F

Feminino 7, 10, 40, 154

Formação Docente 194

I

Identidade 4, 6, 24, 25, 36, 48, 70, 71, 107, 113, 124, 126, 131, 142, 145, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 178, 196, 221, 225

Interação 19, 47, 48, 91, 94, 106, 165, 167, 172, 174, 175, 177, 178, 179, 181, 183, 184, 185, 188, 202, 204, 205

J

Jornal 59, 119, 120, 127, 131, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 196

L

Leitura 3, 5, 19, 27, 36, 37, 46, 57, 58, 63, 77, 78, 82, 84, 88, 90, 91, 92, 93, 94, 97, 98, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 128, 139, 141, 151, 157, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 186, 188, 190, 191, 192, 195, 202, 205, 214, 222, 225

Letramento Literário 90, 103, 113, 114

Letras 2, 11, 32, 33, 34, 41, 59, 68, 77, 85, 103, 115, 116, 117, 119, 124, 125, 127, 130, 136, 160, 206, 216, 225

Língua Materna 110, 194, 196, 197, 198

Linguística 2, 15, 20, 22, 44, 59, 60, 69, 110, 150, 158, 183, 196, 197, 198, 202, 204, 209, 210, 225

Lírica 33, 34, 35, 37, 39, 40

Literatura 1, 2, 3, 4, 6, 8, 9, 11, 19, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 31, 32, 34, 35, 36, 37, 39, 42, 44, 45, 46, 50, 51, 52, 57, 59, 60, 61, 62, 77, 78, 79, 80, 82, 83, 86, 87, 88, 90, 91, 92, 93, 94, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 113, 114, 115, 116, 118, 119, 120, 124, 126, 127, 128, 129, 135, 136, 172, 225

M

Manoel de Barros 78, 79, 80, 82, 83, 85, 87, 88

Margaret Atwood 61, 62, 67

Mário Matos 116, 117, 118, 119, 120, 122, 124

Memória 25, 34, 48, 116, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 124, 126, 137, 138, 139, 141, 142, 145, 146, 161, 164, 169, 171, 191, 208, 209

N

Nordestino 23, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 153

P

Patativa do Assaré 23, 25, 27, 31, 32

Professor 83, 84, 93, 95, 98, 102, 104, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 119, 160, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 176, 177, 179, 201, 203, 206, 207, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 225

Letras e Linguística: Estrutura e Funcionamento

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Letras e Linguística: Estrutura e Funcionamento

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 